

próprias. Num confronto criativo e poético procura um "lugar" dialógico como sacramento de salvação: não se trata, para a Igreja, de "pensar como os outros, mas pensar com os outros" (J. Moingt).

É neste contexto de diálogo a escala universal, já proposto pela *Ecclesiam Suam*, que a CE 3 anuncia a nova postura da Igreja onde, sobre a fundação de antiguidades, de conflitos, de pecados, e mesmo de mentiras, se constrói na caridade a comunicação entre culturas, na qual a Igreja, como sacramento de Jesus Cristo neste mundo, como irmão, pessoa humana, como transmissora cultural e libertadora, dialoga com os outros homens e mulheres, joga um papel fulcral no esforço do mundo de hoje por criar uma ética universal (G. Delouis).

A fraternidade universal baseada na dignidade da pessoa humana, que a CE 3 enuncia como objectivo, é a resposta eficaz a qualquer intolerância totalitarista.

Os trabalhos que agora publicamos são um reflexo desta postura dialógica que a teologia assume: o primeiro aborda Alvin Toffler, um pensador americano que reflete a problemática da sociedade super-industrial onde as novas tecnologias invadem o nosso quotidiano. É neste contexto que o conhecimento desempenha um papel fulcral: é agente de mudança e pode ser, também, de adaptação; o segundo apresenta a obra literária de Edgar Morin, um homem que dedicou a sua vida a pensar a complexidade e a proclamar a ética da fraternidade. O terceiro trabalho, no âmbito da teologia bíblica, uma área que tem estado ausente nas páginas da "Cenáculo", analisa o simbolismo da "água viva" no Evangelho de S. João.

Cenáculo inicia, com o presente fascículo, o ano jubilar em que celebra 50 anos de existência. Cientes da responsabilidade que esta herança nos lega, queremos empregar o máximo do nosso esforço e criatividade para que as gerações vindouras possam honrar-se da tradição que recebem.

Devido ao aumento da transitoriedade, as pessoas vivem num elevado estado de mudança por isso, a duração das suas conexões é reduzida. Isto é, desde os anos 80 que as novíssimas estradas da informação permitem deslocar recursos, instantaneamente, através das praças financeiras. Permitem, também, fluxos de informação. E de fluir resulta influenciar¹.

CULTURA 'BLIP'

Luís Miguel Figueiredo Rodrigues*

Com as novas tecnologias, as sociedades estão a mudar. A transformação avança, todos os dias, a um ritmo alucinante. Caminha-se para um estado totalmente novo, impossível de perceber com as categorias de pensamento do passado.

Alvin Toffler² dedica a sua reflexão a tentar compreender esta mudança e a apontar, tanto quanto possível, soluções viáveis para os problemas que estas convulsões acarretam.

Passarei em revista os pontos principais da sua obra, frisando os seus aspectos peculiares.

* Trabalho realizado para publicação neste número, fruto da realaboração do trabalho apresentado na disciplina de Valores Religiosos na Cultura Portuguesa, no ano lectivo de 1994/95, sob a orientação do professor Dr. Costa Santos.

¹ F. CARVALHO RODRIGUES, *Um novo método de contar a verdade, precisa-se*, "Informação e Informática", 13 (1995) 8, 16-17.

² Alvin Toffler foi chefe de redacção da *Fortune* e correspondente em Washington; colaborador de

1. CHOQUE DO FUTURO

Choque do Futuro é “a desorientação e o stress resultantes de tentar enfrentar demasiadas mudanças num espaço de tempo demasiado pequeno - a aceleração da história com consequências próprias, independentemente das efectivas direcções da mudança. O simples acelerar dos eventos, quer as mudanças sejam entendidas como boas, quer como más”³. Perante tal facto, as pessoas são obrigadas a escolher. É aí que o problema se manifesta com maior agudeza. Em semelhante ambiente, “rapidamente mutável e desconhecido, seremos obrigados, ao percorrer o nosso caminho na vida, a fazer escolhas, a decidir pessoalmente entre uma gama diversa de opções. (...) Será a convergência final destes três factos - transição, novidade e diversidade - que preparará o cenário da crise histórica de adaptação”⁴.

O choque do futuro surge com a desorientação perante a mudança, quando se é obrigado a fazer escolhas num ambiente demasiado mutável.

várias revistas, dos *Annals of Academy of Political and Social Science*; trabalhou na Cornell University; e foi conselheiro de organizações como Rockefeller Brothers Fund, Xeros-Rank, Instituto do Futuro; trabalha na *Russel Sage Foundation*; dá cursos na *New School for Social Research*, onde ensina sociologia do futuro; é um dos directores do Salzburg Sanunar in American Studies.

A sua obra, que tem como co-autora a sua esposa, Heidi Toffler, começa com *Choque do Futuro*: aí chamava a atenção para a aceleração das mudanças que ameaçavam esmagar as pessoas em toda a parte, e a forma por que ela frequentemente desorientava os indivíduos, os negócios, as comunidades e os governos. A seguir publicou *A Terceira Vaga*, onde - no dizer de Newt Gingrich - os Toffler passaram da observação à apresentação de uma estrutura profética; colocaram a revolução da informática numa perspectiva histórica, comparando-a com duas outras grandes transformações: a revolução agrícola e a revolução industrial. Segundo os Toffler, estamos a sentir o impacto da terceira grande vaga de mudança da história, e, consequentemente, atravessamos o processo de criação de uma nova civilização.

O terceiro livro a ser publicado foi *Os Novos Poderes*: reflecte sobre a forma como se pode tomar conta da situação actual. Assim se encerra um ciclo na obra deste autor.

Previsões & Premissas, o quarto livro a ir para o prelo, consta de uma entrevista dada por Alvin Toffler, onde passa em revista as suas posições principais.

Em 1994 surge *Guerra e Antigueria*, que se debruça essencialmente sobre a aplicação da Terceira Vaga ao exército: a nova doutrina do Exército levou a um sistema mais flexível, mais rápido, descentralizado, à base de informática, que avaliava o campo de batalha. Focava-se nos recursos e utilizava uma liderança bem treinada mas muito descentralizada para esmagar um inimigo da era industrial. Este livro foi publicado depois da Guerra do Golfo, onde a informação desempenhou um papel decisivo.

Este ano surgiu *Criando uma nova civilização*: e consta de uma compilação de vários capítulos de obras anteriores e alguns inéditos; essencialmente, a obra foca as implicações da Terceira Vaga na política, nomeadamente americana.

³ Alvin TOFFLER, *Os Novos Poderes*, “Vida e Cultura” 121, ed. Livros do Brasil, Lisboa 1991, 9.

⁴ IDEM, *Choque do Futuro*, “Vida e Cultura” 44, ed. Livros do Brasil, Lisboa 1972, 257.

1.1 Transitoriedade

Os indivíduos, com o excesso de escolhas que foram obrigados a fazer, sentem-se amargurados, “mergulhados num desgosto e numa solidão intensificados pela própria multiplicidade das suas opções”⁵.

Contudo, o haver várias opções torna possível a liberdade; caso contrário, limitar-nos-íamos a receber aquilo que alguém nos impôs. Mas é precisamente no campo da possibilidade de escolha que se manifesta a falta de preparação que o homem hodierno tem para viver e enfrentar a sociedade actual. Esta falha lança-o para um estado de crise. Crise essa que diz respeito a todos, é envolvente: todos somos protagonistas, actores e espectadores de “um tempo de incrível e incontida aceleração da história, de um tempo de mutação de hábitos, de formas e de valores de vida”⁶. Perante este facto, porque pode passar despercebido, urge tomar consciência dele, não o disfarçar, nem menosprezar. Assim, a tomada de consciência apresenta-se como o meio necessário para encaminhar as energias numa possível solução. Se assim não for, desperdiçaremos as energias inutilmente⁷.

Devido ao aumento da transitoriedade, as pessoas vivem num elevado estado de mudança, por isso, “a duração das suas conexões é reduzida”⁸. Isto condiciona o modo como se enfrenta a realidade; a sua aptidão ou inaptidão para enfrentar as dificuldades. Esta movimentação rápida, “combinada com a crescente novidade e complexidade do ambiente que os rodeia, força a capacidade de adaptação e cria o perigo do choque do futuro”⁹.

As sociedades da Segunda Vaga¹⁰, muito presas aos modelos do passado, estão desnorteadas com a velocidade com que a informação chega até junto do comum dos cidadãos. Com os novos *media*, a informação atinge um ritmo

⁵ IDEM, *A Terceira Vaga*, “Vida e Cultura” 104, ed. Livros do Brasil, Lisboa 1984, 223.

⁶ M. ANTUNES, *Que é a Anticultura*, in *Legómena. Textos de teoria e de crítica literária*, ed. INCM, Lisboa 1987, 147-148.

⁷ Cf *Ibidem*.

⁸ Alvin TOFFLER, *Choque do Futuro*, o.c., 50-51.

⁹ *Ibidem*.

¹⁰ *Vaga* refere-se a vagas de mudança, que segundo os Toffler, se deram desde o início da humanidade.

A Primeira Vaga operou-se quando o homem nómada se fixou, tornando-se agricultor. Não dependia apenas daquilo que a natureza lhe dava, mas plantava ele mesmo o que queria para a sua alimentação.

A Segunda Vaga ocorreu aquando da industrialização, pois surge com o aparecimento da máquina e da produção em série. Aí, o homem abandona o campo e o seu meio familiar dirigindo-se para os grandes aglomerados populacionais, a fim de trabalhar nas fábricas. Dá-se mais uma modificação profunda na humanidade. O aparecimento da Segunda Vaga não acaba a Primeira, assim como não acabou o estilo nómada. Os conflitos surgem quando as várias vagas coabitam no mesmo espaço geográfico. Foi o confronto

alucinante, quase impossível de ser acompanhada; o que cria uma “desintegração da personalidade”¹¹. As pessoas, desorientadas, sentem-se incapazes de compreender a mudança. Contudo, existe uma ordem, embora ainda oculta. Esta torna-se detectável à medida que começamos a distinguir as alterações da Terceira Vaga daquelas que estão associadas à Segunda Vaga, agora em irremediável declínio.

O choque do futuro é, portanto, consequência da falta de preparação dos cidadãos para enfrentar as rápidas mudanças a que estamos sujeitos; a passagem da Segunda para a Terceira Vaga. Esse choque será tanto menor quanto maior for a capacidade de adaptação do indivíduo e do grupo.

1.2 Mudança

Ao atravessar tumultuosamente a sociedade, a mudança “alarga a brecha entre aquilo que julgamos ser e o que de facto é, entre as imagens existentes e a realidade que elas devem reflectir”¹². Quando esta brecha é moderada podemos ainda fazer frente à mudança mais ou menos racionalmente. Mas quando a brecha se alarga muito, sentimo-nos incapazes, recuamos ou cedemos ao pânico. A mudança é o processo pelo qual o futuro ‘invade’ as nossas vidas¹³. Este aspecto nem sempre foi tido em conta. E assim descuramos a instrução de gente que poderia vir a desempenhar tarefas de forma frutuosa numa sociedade superindustrial, para a qual caminhamos.

A mudança mexe com tudo; por isso, a responsabilidade pela mudança pertence-nos¹⁴. Devemos ter a coragem de começarmos por nós a não fecharmos prematuramente o espírito ao novo e ao insólito¹⁵.

No actual estado económico do mundo toma-se propício falar de mudança porque nunca houve tantas pessoas com um nível razoável de educação e apetrechados com uma incrível gama de conhecimentos. Mas

entre o Norte industrializado - Segunda Vaga - e o Sul agrícola - Primeira Vaga - que originou a Guerra Civil americana.

Actualmente vive-se já, em alguns países, a Terceira Vaga que surge com o aparecimento e divulgação do computador: onde mais do que a matéria prima é importante o conhecimento - o saber fazer - de um determinado produto.

¹¹ Alvin e Heidi TOFFLER, *Criando uma nova civilização*, “Vida e Cultura” 135, ed. Livros do Brasil, Lisboa 1995, 38.

¹² Alvin TOFFLER, *Choque do Futuro*, o.c., 180.

¹³ Cf *Ibidem*, 7.

¹⁴ Cf Alvin e Heidi TOFFLER, *Criando uma nova civilização*, o.c., 214.

¹⁵ “Isso significa lutar contra os assassinos de ideias que avançam impetuosamente para matar qualquer nova sugestão a pretexto da sua impraticabilidade enquanto defendem seja o que for que já existe como prático, por muito opressivo ou inviável que possa ser. Significa lutar pela liberdade de expressão - o direito do povo de expor as suas ideias, mesmo que heréticas”, *Ibidem*.

acima de tudo, “nunca tantos tiveram tanto a ganhar se contribuírem para que as modificações necessárias, embora profundas, sejam feitas de forma pacífica”¹⁶, sem danos e de uma forma que abarque toda a gente.

Mas é o acelerar vertiginoso da temporalidade que caracteriza cada vez mais as relações humanas deste tempo: o superindustrialismo. Do mesmo modo que as coisas e os lugares, as pessoas também atravessam as nossas vidas a uma velocidade cada vez maior¹⁷. A arte manifesta-nos isso mesmo, tanto nesta, como “na linguagem, estamos a correr para a impermanência. As relações do homem com a imaginária estão a tornar-se cada vez mais temporárias”¹⁸. Pois a linguagem e a arte, códigos com os quais transmitimos uns aos outros as mensagens portadoras de imagens, renovam-se também mais depressa¹⁹.

Pode-se compreender e ultrapassar as dificuldades criadas pela mudança, abrindo o espírito ao novo e tomando as opções certas. Para isso, devemos estar conscientes de que a impermanência é a característica que mais dificuldades coloca ao indivíduo numa sociedade superindustrial.

2. TERCEIRA VAGA

A Terceira Vaga reflecte uma enorme aceleração da mudança, marca característica da nossa história²⁰. Com todas as transformações e mudanças já nada é como antes: a civilização de ontem está a morrer. Com o aparecimento da Terceira Vaga, surge a “crise final e irreparável do industrialismo”²¹, que o condena à morte.

A terceira era de mudança surgiu nos Estados Unidos da América por volta de 1955-1965²², e vai-se alargando ao resto do mundo. Esta passagem pode ser observável, por exemplo, na indústria: substituindo as indústrias manufactureiras de massa da Segunda Vaga pelas novas, as indústrias da Terceira Vaga, estamos a fazer mais do que “uma simples substituição. As novas indústrias vão realmente ser diferentes das antigas.(...) Porque diferem delas em milhares de maneiras. A espécie de produtos. A espécie de pessoas

¹⁶ *Ibidem*, 210.

¹⁷ Cf *Ibidem*, 99.

¹⁸ *Ibidem*, 178.

¹⁹ Cf *Ibidem*, 178.

²⁰ Alvin e Heidi TOFFLER, *Criando uma nova civilização*, o.c., 13-14.

²¹ Alvin TOFFLER, *A Terceira Vaga*, o.c., 116.

²² Cf IDEM, *Previsões & Premissas*, o.c., 165.

que nelas entram. As suas estruturas organizativas. O seu estilo e cultura. E ao nível mais profundo - o nível do conhecimento - representam um corte fundamental com o passado (...). O resultado é que as indústrias da nova Terceira Vaga têm implicações sociais, organizativas, culturais e ambientais absolutamente diferentes. Não se parecem mais com as indústrias manufactureiras massificadas do que um raio laser se parece com um aríete"²³.

A ascensão da Terceira Vaga é feita com mais ou menos velocidade, conforme o caminho já percorrido, por cada país, em direcção ao progresso tecnológico e ao desenvolvimento. Este caminho, com o surgir da Terceira Vaga, muda de rumo. Agora não se aperfeiçoam as técnicas e instituições do passado, reestruturam-se. O mundo enfrenta um salto *quantum* em frente. Sem que o reconheçamos nitidamente, "estamos empenhados em construir uma notável civilização nova a partir do zero. É este o significado da Terceira Vaga"²⁴.

Criaremos uma sociedade que deixe para as máquinas as tarefas físicas e repetitivas e o ser humano encarregar-se-á da informação, do conhecimento e da imaginação²⁵. Devido aos novos meios de comunicação, no futuro, não vai ser precisa a presença do homem para que a linha de produção não pare. A tecnologia pode então trazer mais espaços de liberdade para o ser humano. Cria-se um ambiente de trabalho mais versátil, no qual o operário pode gerir o seu tempo de trabalho, independentemente dos seus colegas. Deixa de estar sujeito a horários rigidamente fixos.

As pessoas versáteis e inteligentemente ágeis são aquelas que irão ser mais bem sucedidas. A versatilidade será recompensada individual e empresarialmente²⁶.

Também aqui a tecnologia tem uma palavra a dizer. Alvin Toffler, baseado em relatórios da UNESCO, afirma que "quanto mais avançada for a tecnologia de um país, maiores serão as probabilidades de se encaminhar para a diversidade literária e se afastar da uniformidade. (...) Francis Bacon disse-nos que «conhecimento... é poder». Agora podemos traduzir estas palavras em termos contemporâneos: no nosso meio social «conhecimento é mudança» - e acelerar a aquisição de conhecimentos, alimentar o grande motor da tecnologia, equivale a acelerar a mudança"²⁷.

²³ *Ibidem*, 28-29.

²⁴ Alvin e Heidi TOFFLER, *Criando uma nova civilização*, o.c., 27.

²⁵ Cf Alvin TOFFLER, *Choque do Futuro*, o.c., 395.

²⁶ Cf IDEM, *Previsões & Premissas*, "Vida e Cultura", ed. Livros do Brasil, Lisboa 1987, 180-181.

²⁷ IDEM, *Choque do Futuro*, o.c., 268-269.

Devido ao aumento de importância das novas tecnologias e ao seu emprego em todas as áreas de produção e controle, no futuro dominará o mundo quem dominar a técnica.

Podemos constatar que actualmente vivemos mergulhados num mundo de informação, onde os *mass media* se esforçam por tornar o mundo mais pequeno²⁸. Embora a *aldeia global* ainda seja uma metáfora, deixará de o ser: não nos limitaremos a ficar ao corrente daquilo que se passa, mas influenciaremos, nós próprios, decisões e acontecimentos a milhares de quilómetros dos nossos lares. Para isso, contaremos com a ajuda dos sistemas de comunicação interactivos²⁹.

Assim, com toda a informação que nos chega das diversas partes do globo, em vez de recebermos meramente o nosso modelo mental da realidade, somos agora obrigados a reinventá-lo continuamente. Isto coloca sobre nós um grande fardo, mas também conduz a uma individualidade maior, a uma desmassificação da personalidade, assim como da cultura³⁰; agora somos obrigados a pensar continuamente a informação que nos chega³¹.

Devido aos actuais meios de comunicação, cada vez mais nos vemos invadidos por valores e realidades estranhas à nossa cultura. Somos confrontados com culturas muito diferentes da nossa. Mas isso pode não querer dizer que as diversas culturas estejam a acabar, surgindo uma cultura mundialmente única. O que pode e deve acontecer é que as actuais culturas se repensem à luz daquilo que lhes chega das outras, mantendo aquilo que é peculiar de cada uma e mudando o que pode ser mudado, sem que se perca a própria identidade. As diversas culturas, depois deste passo, tomarão consciência de que os *blips* ininterruptos de informação que recebem não constituem um perigo para a sua identidade, desde que confrontados com o que já existe e aproveitando apenas o que é possível. Com esta transformação dá-se um enriquecimento mútuo das várias culturas. Consideramos como cultura 'blip' qualquer cultura que integre a técnica e os modernos meios de comunicação social, sem que se deixe aniquilar. Em suma, é uma cultura que já integrou todas as potencialidades das tecnologias.

²⁸ Cf IDEM, *A Terceira Vaga*, o.c., 139.

²⁹ Cf Alvin e Heidi TOFFLER, *Criando uma nova civilização*, o.c., 7.

³⁰ Cf Alvin TOFFLER, *A Terceira Vaga*, o.c., 166. Em qualquer dos casos, quer a tensão se revele demasiado grande, quer não, o resultado fica muito longe dos *robots* uniformes, estandardizados e facilmente arregimentados previstos por tantos sociólogos e escritores de ficção científica da era da Segunda Vaga.

³¹ IDEM, *A Terceira Vaga*, 165.

3. CONHECIMENTO

A sociedade para a qual caminhamos é eminentemente simbólica, onde o conhecimento possui o papel principal, e pode ser um bom substituto de “outros recursos”³².

3.1 O conhecimento como compensação

É um dado inegável que as riquezas estão mal distribuídas, criando entraves ao desenvolvimento e à justiça. Com o conhecimento, este problema pode vir a ser resolvido, porque apesar do mundo estar dividido entre ricos e pobres, verifica-se que, comparada com as outras duas fontes de poder, “a riqueza tem sido, e é, a *menos* mal distribuída”³³. O conhecimento é ainda um privilégio de alguns países, pois, poucos são os que possuem conhecimentos suficientes para desenvolver um determinado produto. Assim, as nações ricas em mudança rápida, para além de lutarem pela riqueza, lutam pelo conhecimento, quer este seja bélico quer não.

Por tudo isto, e a não ser que compreendamos como e para quem o conhecimento flui, não poderemos proteger-nos a nós próprios contra o abuso do poder nem criar a sociedade melhor e mais democrática que as tecnologias de amanhã prometem³⁴.

O conhecimento é detentor de características que o tornam muito peculiar na distribuição do poder. Para todos os efeitos práticos, a força é finita e o mesmo acontece com a riqueza. Já o conhecimento, pelo contrário, não é assim: podemos sempre “gerar mais e nunca alcançaremos o conhecimento máximo de coisa nenhuma, mas *podemos* avançar sempre um passo mais para a compreensão arredondada de qualquer fenómeno. O conhecimento, pelo menos em princípio, é infinitamente expansível. (...) Mas a característica verdadeiramente revolucionária do conhecimento é que pode ser apreendido também pelos fracos e pelos pobres”³⁵.

O conhecimento aparece, então, como uma saída viável para muitos problemas. À luz disto podemos ver que apenas dar alimentos e medicamentos não é uma saída para a miséria de um povo; é necessário dar sementes e conhecimentos, para que esse povo consiga, por si, resolver as suas necessidades: *mais do que dar um peixe, ensine-se a pescar*.

³² Alvin e Heidi TOFFLER, *Guerra e Antiguerra*, “Vida e Cultura” 130, ed. Livros do Brasil, Lisboa 1994, 183.

³³ IDEM, *Os Novos Poderes*, o.c., 34.

³⁴ Cf *Ibidem*, 34.

³⁵ *Ibidem*, 33-34.

Uma máquina só serve para um determinado fim, e só pode ser usada para um fim de cada vez; o conhecimento não. “Pode ser usado por muitas pessoas simultaneamente, para criar riqueza e para produzir ainda mais conhecimento. E, diferentemente das fábricas e dos campos, o conhecimento é, para todos os efeitos, inesgotável”³⁶. Assim, e “porque reduz a necessidade de matérias-primas, mão-de-obra, tempo, espaço, capital e outros activos, o conhecimento transformou-se no substituto final - o recurso supremo de uma economia avançada. E, sendo assim, o seu valor vai crescendo”³⁷, e torna-se a mais importante fonte de poder.

3.2 Conhecimento e poder

Ao tomarmos consciência da importância do conhecimento passamos de um mundo bipartido - ricos e pobres - para um mundo tripartido. Esta passagem “poderá perfeitamente desencadear as mais profundas lutas pelo poder no nosso planeta, à medida que cada país tentar posicionar-se na emergente estrutura de três anéis do poder. Por trás desta monumental redistribuição de poderes reside uma mudança no papel, significado e natureza do conhecimento”³⁸.

Devido a este tipo de propriedade, as riquezas tradicionais entram em declínio importancial e cresce a importância do *saber fazer* - o conhecimento³⁹. Este surge assim como algo de extraordinário. Pode ser partilhado, dado e aumentado, sem que aquele que dá ou partilha fique mais pobre.

3.3 A nova tecnologia

Com a mudança muito acelerada que hoje se verifica e o incremento de meios tecnológicos cada vez mais avançados, destinados a acelerar a investigação e o desenvolvimento científico, o metabolismo do conhecimento está a funcionar mais depressa⁴⁰. E isto deve-se muito às novas tecnologias, das quais o computador tem o papel de trampolim e controlador: impulsiona as novas descobertas e é com ele que se controlam os novos engenhos.

Mas os computadores não são super-humanos. Avariam-se e cometem erros, mas não deixam de ser o engenho mais espantoso jamais construído pelo

³⁶ Alvin e Heidi TOFFLER, *Criando uma nova civilização*, o.c., 130; *Ibidem*, 71.

³⁷ *Ibidem*, 71.

³⁸ *Ibidem*, 56-57.

³⁹ Peter HENRICI, *Homem e natureza na era tecnológica*, in “Estudos Leopoldenses”, 57 (1980) 57, 31.

⁴⁰ Cf Alvin TOFFLER, *Os Novos Poderes*, o.c., 469.

ser humano. Senão vejamos: o computador apareceu em cena por volta de 1950; com a sua “inaudita capacidade de análise e disseminação de variadíssimas espécies de dados, em quantidades inacreditáveis e a velocidades alucinantes, transformou-se numa grande força acelerativa da aquisição de conhecimentos. Combinado com outros instrumentos analíticos de potência crescente destinados a observar o universo invisível que nos cerca, o computador elevou espantosamente o ritmo de aquisição de conhecimentos”⁴¹. Basta referir as bases de dados e os ficheiros electrónicos para vermos, de uma forma simples, como o computador pode contribuir para o aumento dos conhecimentos do ser humano. A activação desta memória recém-exposta “desencadeará novas energias culturais, pois o computador não só nos ajuda a organizar ou a sintetizar «blips» em modelos de realidade coerente, como também estende os limites máximos do possível.(...) Torna possível um fluxo de novas teorias, ideias, ideologias, visões artísticas, progressos técnicos e inovações económicas e políticas que antes eram, no sentido mais literal, impensáveis e inimagináveis. Deste modo, acelera a mudança histórica e alimenta a arrancada no sentido da diversidade social da Terceira Vaga”⁴².

Tendo em conta a crescente importância dada às novas tecnologias da informação é imprescindível que estas não fiquem nas mãos de elites perigosas, como sejam os terroristas. Pois “agora, um indivíduo ou um pequeno grupo podem possuir instrumentos de destruição em massa, desde que disponham da informação necessária para a produzir. E essa informação é cada vez mais acessível”⁴³. Há que dar outro papel às tecnologias da informação. Elas podem e devem servir para dar igualdade de oportunidades. Uma vez que os meios de comunicação social podem ser utilizados pelos governantes para “influenciar os cidadãos através do impacto das suas mensagens, também condicionam as decisões dos governantes. Não é aceitável que estas tecnologias só sejam acessíveis a uns e permaneçam fora do alcance dos outros”⁴⁴.

Actualmente, a criação de auto-estradas de informação coloca novas exigências de democratização. Se informação significa poder, cabe-nos a nós utilizar esse poder de forma razoável e responsável.

⁴¹ IDEM, *Choque do Futuro*, o.c., 37. De referir a importância das redes internacionais de computadores (Inter-net, por exemplo), que permitem obter e trocar informações sobre variadíssimos assuntos e discutir com pessoas interessadas na mesma matéria. Surgem as subculturas e o espaço cibernético ganha mais vida.

⁴² IDEM, *A Terceira Vaga*, o.c., 177.

⁴³ IDEM, *Vivemos todos num vago clima de medo*, in “Expresso” 8 de Abril de 1995, 71.

⁴⁴ AIESEC, *A Educação e o cidadão do século XXI*, Conferência realizada a 30/5/c 5/6 de 1994 em S. Paulo; Cf. ALVIN TOFFLER, *A Terceira Vaga*, o.c., 37.

3.4 Ambiente inteligente

Utilizando todo este desenvolvimento tecnológico “estamos a ‘tornar inteligente’ o nosso ambiente de trabalho”⁴⁵. Nos locais laborais “os tipos de especialização necessários estão a mudar muito depressa; precisamos cada vez mais de «multiespecialistas» (homens que conhecem uma matéria a fundo, mas que podem também dedicar-se a outras), de preferência aos «monoespecialistas» rígidos. Mas continuamos a ter necessidade de peritos cada vez mais especializados - e a criá-los -, à medida que a complexidade da base técnica da sociedade aumentar. Só esta razão bastaria para que a variedade e o número de subcultos se multiplicassem”⁴⁶.

A inadaptação social, criada pela modernização das indústrias gera mal-estar social. A solução do desemprego agora é diferente. Já não é possível reduzir o desemprego “aumentando simplesmente o número de postos de trabalho, porque o problema já não é meramente de números. O desemprego passou de quantitativo para qualitativo.(...) Mas qualquer estratégia efectiva para reduzir o desemprego numa economia super-simbólica tem de depender menos da repartição de riqueza e mais da repartição de conhecimento”⁴⁷.

Em suma, o conhecimento é crucial nos tempos que correm⁴⁸. Perante este facto não se pode ficar indiferente.

A NOVA CIVILIZAÇÃO

O choque do futuro é fruto da falta de adaptação do homem às mudanças que se estão a operar a uma velocidade vertiginosa.

As pessoas sentem muita dificuldade em adaptar-se às mudanças, pois estas operam-se em espaços de tempo muito curtos. Este factor, a inadaptação ao futuro, acarreta angústia e mal-estar, pois os indivíduos sentem-se arrastados para uma sociedade que não lhes é familiar, apesar de ser a sua... Isto por dois motivos: a falta de liberdade e a falta de preparação. Existem muitas possibilidades de escolha, mas a falta de preparação para saber escolher, e escolher convenientemente, traz a falta de liberdade e a angústia.

Por isso, a primeira coisa a fazer é tomar consciência do problema, o que permite canalizar energias, que de outra forma se perderiam no meio da

⁴⁵ Alvin TOFFLER, *A Terceira Vaga*, o.c., 168.

⁴⁶ IDEM, *Choque do Futuro*, o.c., 284-285.

⁴⁷ IDEM, *Os Novos Poderes*, o.c., 90-91.

⁴⁸ Cf Alvin e Heidi TOFFLER, *Guerra e Antiguerra*, o.c., 182-183.

confusão, ficando desaproveitadas. Mas é a nós que cabe a responsabilidade da mudança. Para isso, é preciso uma educação adequada, que dê resposta aos problemas concretos da sociedade, que prepare cidadãos para o futuro. Para que isso seja possível deve ter-se em atenção as necessidades do presente e, principalmente do futuro, que nos invade a uma velocidade cada vez maior.

A sociedade emergente é uma sociedade superindustrial. Com ela a civilização industrial passa à história e nasce uma nova civilização. Esta não é apenas o aperfeiçoar da civilização anterior; é, antes, o reestruturar de toda a realidade. A humanidade dá um salto não só quantitativo, mas sim, e acima de tudo, qualitativo.

A nova sociedade é uma sociedade eminentemente simbólica, onde o conhecimento possui um papel importante. Por isso é nele que reside parte da solução para o desenvolvimento. O conhecimento, além de ser importante para o desenvolvimento, é uma boa saída para a promoção dos países mais pobres: ao contrário do dinheiro e da força, é inesgotável e pode ser aumentado sempre e cada vez mais, pode ser usado para mais do que um fim e por várias pessoas ao mesmo tempo. O conhecimento deve contar com a ajuda das novas tecnologias, que o ajudarão a expandir-se e a tornar-se acessível a todos, diminuindo ou até anulando as desigualdades.

Surge, então, a cultura 'blip' que vai fazer com que não se crie uma cultura global única. O que poderá acontecer é que a cultura tecnocósmica seja assimilada e integrada nas culturas já existentes, sem que estas desapareçam. Ficam é mais enriquecidas com este novo dado: a técnica ao serviço do homem.